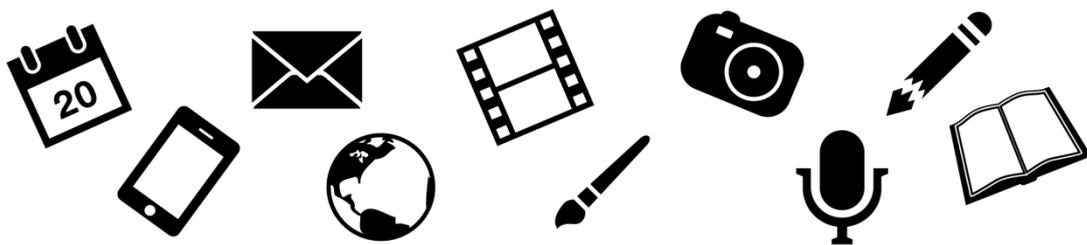




**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

## UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



*Agcom*  
Agência de  
Comunicação  
da UFSC

**08 de janeiro de 2015**

## Notícias do Dia

### Plural

#### “O assassinato da charge”

Atentado / Cartunistas / Roteiristas / Quadrinistas franceses / Charlie Hebdo / França / Ricardo Manhães / Clovis Geyer / UFSC / Curso de design / Érico Assis / Paris / Liberdade de imprensa / Humor gráfico / Notícias do Dia / Charge / Japão / Stéphane Charbonnier / Charb / Jean Cabut / Tignous / Cabu / Georges Wolinski / Bernard Verlhac / O Pasquim / Chiclete com banana / Angeli / Maomé / Corão / Glauco / Geraldão / Graphic novels / Domingo, sangrento domingo / Ilha da ponte de prata / Kayuá Waszak / Desenhe aqui / Brasil / Diego Moreau / Estácio de Sá / Laerte / Porto Alegre / Adão Iturrusgarai / L'Enragé / L'Humanité / Libération / Le Nouvel Observateur / Paris Match / Le Journal du dimanche / Le Roi des cons / France-Soir / Paris-Presse / Le Figaro / Le Monde / Ciné Revue / Pariscope / Le Canard Enchaîné / L'Express / Télérama

4/5 PLURAL – NOTÍCIAS DO DIA  
FLORIANÓPOLIS, QUINTA-FEIRA, 8 DE JANEIRO DE 2015

“Soube do atentado hoje (ontem) logo cedo enquanto acontecia, pois parceiros meus de trabalho tinham amigos que morreram ou que estavam no prédio. Eles tentavam contato via celular, alguns atendiam e outros já estavam mortos. Conviwo com o meio de cartunistas, roteiristas e quadrinistas franceses desde 2000, quando comecei a publicar por lá. Posso dizer diante do espanto dos meus amigos franceses que, pelo que representava o jornal ‘Charlie Hebdo’, a França será antes e depois deste 7 de janeiro. As consequências serão irreversíveis e imprevisíveis.”

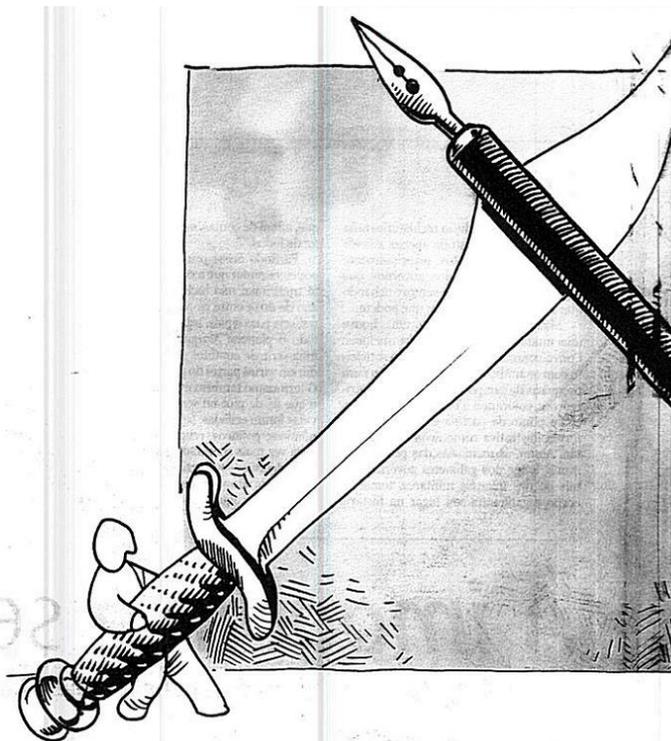
RICARDO MANHÃES, QUADRINISTA, PUBLICA NO MERCADO FRANCÊS DESDE 2000

“O argumento dos que defendem essa charge é que ela seria uma afronta à crença das pessoas e a religião. Entretanto, outras religiões como a católica e a evangélica são criticadas frequentemente em charges. Historicamente, o chargista sempre foi crítico e dono de uma opinião irreverente. Inclusive na França, que foi precursora de publicações impressas com grandes desenhistas. Não existe justificativa para o que aconteceu. Pena daqueles que julgam a publicação como sensacionalista, pois não sabem o que é uma revista crítica e satírica”.

CLOVIS GEYER, CHARGISTA, PROFESSOR NA ÁREA DE ANIMAÇÃO NA CURSO DE DESIGN NA UFSC

“Só conhecia o trabalho da ‘Charlie Hebdo’ pelas polêmicas. Nunca botei a mão em um exemplar, que eu me lembre. Acho que humor tem lá seus limites, e são poucos, bem poucos. Quando critica uma decisão privada de outra pessoa que não afeta mais ninguém, por exemplo. O que o Charlie fazia era crítica social, política, moral, religiosa. Se você quer uma sociedade que pensa, isso nunca pode ser limitado.”

ÉRICO ASSIS, CRÍTICO E TRADUTOR DE QUADRINHOS



## O assassinato da “Charlie Hebdo”. Atentado em Paris ataca a liberdade

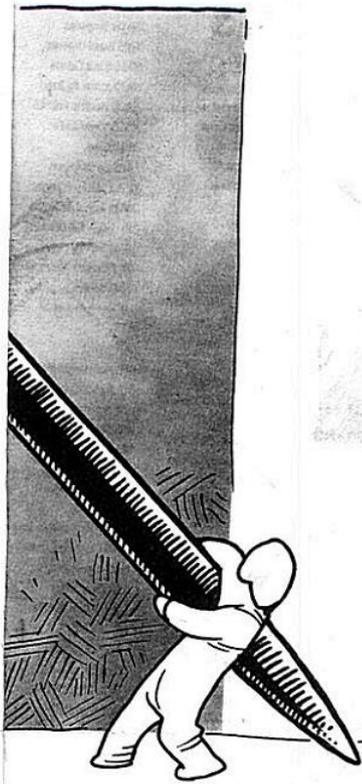
ROMEU MARTINS\*

Em filmes antigos de guerra, do tipo que retratavam soldados napoleônicos com seus casacos azuis e faixas brancas cruzadas no peito, uma cena era recorrente: a do oficial que ordena a seus comandados que disparem o canhão contra as tropas inimigas com o grito de “Charge!”. Quando o filme era dublado, o grito que ouviamos podia ser traduzido como “Carga”. Não foi por coincidência que o gênero mais combativo de humor gráfico, onipresente tanto no *Notícias do Dia* quanto em qualquer jornal digno do nome, tenha tomado de empréstimo esse termo bélico em francês. A charge é o desenho que carrega nos traços e nas atitudes para criticar políticos e empresas, figuras religiosas e laicas, usos e costumes da sociedade onde quer que haja um chargista com a liberdade necessária para atuar.

Tal associação foi feita e mantida inalterada também em nossa língua, mesmo tantos anos passados desde o tempo em que deixamos de nos influenciar pelos franceses e passamos a entrar definitivamente na esfera cultural dos Estados Unidos. A França, com suas tradições iluministas, pátria da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, é o país que, ao lado do Japão,

mais reconhece e apoia a importância de tudo relacionado aos quadrinhos. O jornal “Charlie Hebdo” era uma das estrelas dessa tradição honrosa de contestar através do humor a tudo e a todos. Reunidos pelo editor-chefe Stéphane Charbonnier, ele próprio um chargista de talento que assinava como Charb, estava um elenco de artistas mundialmente reconhecidos, como Cabu, Tignous e Wolinski.

“Charlie Hebdo” comprava brigas em suas corajosas páginas, que podemos comparar em termos brasileiros ao que foi o jornal “O Pasquim” nos tempos de nossa última ditadura ou à revista “Chiclete com Banana” (na qual fui apresentado a Wolinski no começo dos anos 90 em texto assinado por Angeli) nos governos Sarney e Collor. Uma das brigas mais constantes e ruidosas do jornal francês, que provocava tanto críticas quanto admiração, era a de ir contra os preceitos islâmicos que proibem que se faça desenhos do profeta Maomé, autor do Corão. Já haviam sido alvos de uma bomba, após uma dessas publicações. Felizmente a explosão não feriu ninguém e nem fez os jornalistas e humoristas pararem com seu trabalho. E a equipe do hebdomadário fazia esse trabalho com a força da charge, usando da mais contundente sátira que somente a liberdade de imprensa permite a um artista usar para se expressar e com isso contestar o mundo onde vive.



ZAMBI

# charge

de contestar e se expressar

Fazia. Porque agora tanto o editor Charbonnier, quanto seus artistas Cabu, Tignous e Wolinski, entre um total de doze vítimas fatais divulgadas enquanto escrevia este texto, estão mortos, após um novo e muito mais violento atentado. Foram assassinados. Seus assassinos invadiram a sede da publicação, em Paris, mascarados e armados com metralhadoras e uma bazuca. Um ataque do terror anônimo e violento contra o humor e a liberdade de imprensa. Balas usadas contra a peça de humor que tomou seu nome de empréstimo dos tiros de canhão. O assassinato real contra o recurso que justamente substitui a violência pela inteligência.

Desde o assassinato do cartunista e quadrinista brasileiro Glauco, criador do Geraldão, em 2010, não me chocava tanto com a notícia da morte de algum artista ligado ao humor gráfico. Mas o atentado ocorrido neste 7 de janeiro é infinitamente mais grave, porque alimentado pela intolerância que quer se impor à força. Pela violência que nega a existência do outro. Forças do obscurantismo contra as quais só podemos usar uma arma: a liberdade.

\* Jornalista e roteirista de quadrinhos, autor das graphic novels "Domingo, Sangrento Domingo", "Justiceiro Joceli" e a "Ilha da Ponte de Prata"

“A expressão que define o que aconteceu é: a que ponto a intolerância chegou. Se você consegue fazer uma piada sobre você te afetar desse modo, há algo muito errado. Não podemos mais usar a charge para o que ela realmente é, fico com medo de pegar algum trabalho que tenha que fazer uma crítica e colocar o meu nome. Eu e todos os meus amigos artistas estamos chocados. É um começo muito triste para o ano.”

KAYUÁ WASZAK, ILUSTRADOR E ORGANIZADOR DO DESENHE AQUI

“Nós estamos vivendo uma época de extremos, e isso pôde ser visto aqui no Brasil, nas eleições, e alguns artistas e humoristas têm coragem de enfrentar isso, de fazer piada para gerar uma discussão. E é o que a revista faz, ela tem um humor sem milites, mas um humor que te faz pensar.”

DIEGO MOREAU, COORDENADOR DO CURSO DE PUBLICIDADE DA ESTÁCIO DE SÁ, MESTRE EM HQ, CRIADOR DO HQCON

“Isso é um gesto, de uma agressividade e de uma violência absurdas. Eu continuo a favor da liberdade de expressão. Continuo achando que deve existir, mas que existe num mundo que também não pode ignorar um contexto de maioria religiosa e mexer com os dogmas daquela religião impunemente. É uma polêmica bastante ambígua, cheia de lados. Faço questão de levar todos esses lados em conta. Não acho que deve haver liberdade de expressão pra quem tá a fim de fomentar o ódio, o machismo, a homofobia e o racismo. Mas eu também sou a favor da liberdade de expressão — o humor sem liberdade de expressão morre.”

LAERTE, CARTUNISTA

“O Wolinski é grande parte de tudo o que eu sou. Conheci o trabalho dele em Porto Alegre, com uns 22 anos, e fui morar na França por causa dele. Acho que todo mundo da minha geração tem influência dele. Uma vez comentaram comigo que o Wolinski é um escritor que desenha, e é bem isso mesmo. O mundo inteiro está paralisado.”

ADAO ITURRÚSGARAI, CARTUNISTA

DEPOIMENTOS: JULIETE LUNKES, MARCIANO DIOGO E FOLHAPRESS



## AS PERDAS

**Georges Wolinski, 80,** era o nome da charge mundial, influência para muitos cartunistas. Provocador,

cinico e livre na criação, fundou durante a série de protestos de 1968 o jornal "L'Enragé", com forte viés político. Nascido na Tunísia, colaborou com veículos como "L'Humanité", "Libération", "Le Nouvel Observateur", "Paris Match" e "Le Journal du dimanche". Seu mais famoso personagem, era o "le Roi des cons" (o rei dos burros, em tradução livre).



**Stéphane Charbonnier,** que assinava como Charb, nascido em 1967, era desenhista e também

diretor do "Charlie Hebdo". Firme para manter a linha da publicação, chegou a dizer que preferia morrer de pé do que viver de joelhos. Na última edição, Charb publicou uma charge justamente sobre a ameaça de atentados na França. Desde 2011, após o atentado que incendiou o prédio da publicação, ele tinha proteção policial.



**Jean Cabut,** conhecido como Cabu (algo como carrasco), 76, estava entre os grandes cartunistas da imprensa

francesa. Foi um dos precursores nos anos 1970 das reportagens em HQ. Trabalhou em jornais como "France-Soir", "Paris-Presse", "Le Figaro", "Le Monde", "Ciné-Revue", "Pariscope" e Le Canard Enchaîné, entre outros.



**Bernard Verlhac,** conhecido como Tignous, nascido em 1957. Era um colaborador assíduo de publicações

como o "Charlie Hebdo", e também "L'Express", "Télérama" et "L'Humanité".

## **Diário Catarinense Vestibular**

“UFSC libera as cópias de cartão-resposta”

Vestibular / UFSC / Comissão Permanente do Vestibular / Universidade Federal de Santa Catarina / Cartões-resposta / Redação / Questões discursivas / Recurso



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

## **CLIPPING DIGITAL**

**[Entrevista Eduardo Pinheiro Granzotto da Silva](#)**

**[Novo secretário de Assistência Social quer foco em moradores de rua](#)**

**[Pescador captura tubarão-martelo em Governador Celso Ramos](#)**